

Pensamento social e interpretações televisivas sobre o Brasil.

Nara Magalhães.

Cita:

Nara Magalhães (2007). *Pensamento social e interpretações televisivas sobre o Brasil*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-066/286>

(Linguagens oficiais do Congresso: português e espanhol)

Grupo de Trabalho: Cultura, Medios y Comunicación

Título do trabalho: Pensamento social e interpretações televisivas sobre o Brasil

Autora: Nara Magalhães

Dra. Antropologia Social

Pesquisadora Associada NACI- PPGAS/UFRGS (Estágio Pós-Doutoral), Brasil

nara.magalhaes@yahoo.com.br

Resumo:

A reflexão tem por base uma pesquisa realizada entre 1997 e 2004, no interior do RS, Brasil, e que resultou em minha tese de doutorado: “Televisão, uma vilã na sociedade contemporânea – um estudo sobre modos de ver (a) TV de pessoas pertencentes a camadas médias”. O destaque neste trabalho são algumas interpretações sobre o significado social da televisão no Brasil. Olhando para as críticas dos pesquisados à TV, qual a imagem de Brasil que aparece? E mais, visto assim, esse Brasil guarda alguma semelhança com aquele das análises intelectuais? Um destaque na análise é uma inversão simbólica presente no debate: ao invés da elite, é a população pobre, considerada “sem cultura” e “sem condições de entender” a mensagem da televisão, a responsável pelos problemas da sociedade brasileira. Esta interpretação é aproximada do modo como alguns intelectuais analisam a cultura brasileira em vários períodos de nossa história, buscando as conexões entre diferentes concepções de cultura e as visões sobre o “outro” a ser civilizado, e que permanecem no contexto atual de diversidade e pluralidade cultural. Procuro demonstrar que o imaginário sobre a TV como vilã, responsável pelos problemas sociais contemporâneos, extrapola o grupo estudado e está presente em muitas esferas de nossa vida social, e pode contribuir para gerar novas exclusões.

Resumen

Este trabajo retoma algunas de las cuestiones desarrolladas en mi tesis de doctorado: “Televisão, uma vilã na sociedade contemporânea – um estudo sobre modos de ver (a) TV de pessoas pertencentes a camadas médias”, la qual fué resultado de una pesquisa de recepción con personas de camadas médias del interior del Rio Grande del Sur, Brasil. Mas allá de la recepción, busqué el significado de la televisión en la sociedad contemporânea para el grupo pesquisado, y busco acá relacionar las concepciones que expressaban ellos, con cierto debate intelectual sobre cultura. Identifico una división entre la definición actual de culturas en el plural, característica del debate teórico, y la crítica à la television - tanto la construída por los pesquisados, como por los pensadores sociales – no interior de la cual aparecen otras concepciones de cultura. Colocar en perspectiva la crítica à la televisión - tanto la expresa por los pesquisados, como aquella presente en vários momentos del nuestro cotidiano – y buscar comprender lo que ella está diciendo acerca de nuestra sociedad e

sobre la cultura brasileña es el objetivo del trabajo, proponiendo la búsqueda de nuevas hipótesis de pesquisa en este campo.

Palavras-chave:

Cultura; culturas; televisão; camadas medias; estudos de recepção.

Corpo do Trabalho

Atribuir una capacidade enorme de influência à televisão para os grupos e/ou indivíduos definirem suas posições em relação a vários problemas de sua vida cotidiana, supondo que isto acontece principalmente com outros grupos sociais, aqueles que não possuem poder aquisitivo, que não têm formação escolar “adequada”, considerar que os grandes prejudicados pela televisão seriam os grupos populares, e os jovens e crianças, que seriam por ela “enganados”, é uma concepção bem mais geral na sociedade brasileira, compartilhada por vários grupos sociais, além do grupo com o qual desenvolvi uma pesquisa específica sobre este tema¹.

Buscando reconstituir um contexto que desse sentido a essa fala dos entrevistados, percebi, ao longo da pesquisa, que este contexto não se restringia ao local de onde eles estavam falando (uma cidade de médio porte do interior do Rio Grande do Sul), mas dizia respeito a valores compartilhados com vários outros grupos sociais e espalhado em vários lugares e períodos de nossa história.

Olhando para sua crítica à TV, busquei compreender o que estava sendo dito sobre nossa sociedade, e sobre a cultura brasileira. Que Brasil é esse, visto do lugar da crítica à TV? E mais, visto assim, esse Brasil guarda alguma semelhança com aquele das análises intelectuais? Nas diversas falas sobre o poder negativo da televisão, um dos significados subjacentes é a discussão sobre a identidade nacional e cultural brasileira. Numa época em que se fala tanto na crise dos Estados-nação diante do processo de globalização, o debate se repõe com força num contexto de recepção da mensagem televisiva, o que mais uma vez demonstra que entre nós o que é *ser brasileiro* e *que país é esse* parece continuar sendo uma questão central (Cf. Oliven, 2002).

¹ Este trabalho retoma sucintamente algumas reflexões desenvolvidas em minha tese de doutorado, chamada “Televisão, uma vilã na sociedade contemporânea – um estudo sobre modos de ver (a) TV de pessoas pertencentes a camadas médias”; PPGAS/UFSC, abril de 2004.

As pessoas pesquisadas expressaram na pesquisa uma visão de “inautenticidade” da cultura brasileira que remete àquela expressa pelo debate intelectual em vários momentos da nossa história. Quem somos nós? Num primeiro significado, relacionando TV e identidade, a TV apareceu como ameaça que impede a formulação da resposta a essa pergunta, diluindo identidades através da massificação, ou ainda expressando uma identidade nacional nas suas mensagens na qual os pesquisados não se reconheciam. Portanto, identidade nacional está ameaçada ou é inautêntica na tela da TV. Um outro eixo de interpretação é aquele que relaciona TV e cultura: num plano, a TV era vista como expressando uma “cultura inautêntica” (porque popular) em suas novelas, programas de auditório, minisséries, etc.; em outro plano, ela era vista como expressando uma “cultura oficial”, considerada sofisticada sobretudo no momento da decifragem de suas intenções ocultas, presente nos telejornais, na publicidade e nas inserções de *merchandising* ao longo da programação. Nesses dois enfoques, a TV aparecia como expressão de uma identidade heterogênea (própria ora à cultura popular, ora à cultura dominante), na qual os entrevistados não se reconheciam, portanto inautêntica num duplo sentido.

Refletindo sobre essas questões, percebi que elas estão no campo do “pensamento brasileiro” a respeito de sociedade e cultura. Percorrendo os debates intelectuais a respeito, percebi que muitas vezes, as teorias sobre identidade nacional e cultura brasileira são compartilhadas por intelectuais e não intelectuais. Eu poderia considerar que os intelectuais são os formuladores de um pensamento social que se espalha, mas então teria que supor também que as interpretações de Brasil da televisão e do jornal se espalharam por nossa sociedade. E uma visão assim contrariava a perspectiva dos estudos de recepção na qual estava embasada.

Se as pessoas reelaboram mensagens da televisão, se reapropriam de idéias e as reinterpretam, fazendo *leituras* diferentes da que seus produtores muitas vezes pretendem, certamente a maioria não o faz *lendo* os vários intelectuais que interpretaram o Brasil e reinterpretando-os. Penso que a “explicação científica” desse fenômeno de semelhança entre as abordagens intelectuais e não intelectuais seria reconhecer que se a “realidade” ou o “senso comum” – a vida cotidiana das pessoas, com seus pensamentos e suas práticas – é ingrediente para a construção das teorias, quanto mais relação com esses modos de viver, pensar e sentir, mais significativa será a teoria construída, e aí residiria a principal razão da

semelhança². Gilberto Freyre, por exemplo, nos parece “verossímil” no Brasil que constrói, porque conhecemos as intimidades cotidianas que acontecem ao nosso redor entre pessoas consideradas em outro ângulo (de análise e de postura social) desiguais.

A noção de circularidade³ é central nesse debate, e retomo-a para esclarecer em que sentido estou tomando as relações entre o pensamento dos entrevistados sobre TV, sociedade e cultura brasileiras, e o pensamento dos intelectuais sobre sociedade e cultura e sobre meios de comunicação de massa.

As concepções expressas pelos entrevistados, que supõem uma “falta de cultura” da população brasileira para entender a mensagem televisiva, é surpreendentemente familiar em relação a toda uma trajetória histórica do debate sobre cultura no Brasil, se tomarmos como referência alguns marcos fundamentais⁴.

Idéias supondo essa “falta” podem ser encontradas em grupos diversos, desde a época do Brasil colônia, até o século XX, especialmente nos anos 60, quando são expressas tanto por intelectuais alinhados com o governo militar, empenhados em pensar um projeto de cultura para o Brasil, como pelos seus mais ferrenhos opositores. O que me parece haver em comum nesse período de nossa vida social (permeado de noções como *conscientização* e *alienação*) não é tanto a definição de cultura – que vai desde concepções instrumentais do ponto de vista político ou econômico, até concepções mais amplas e abstratas - mas a postura do intelectual, o seu *lugar social*.

Penso que é toda essa discussão (que tem raízes já no nacionalismo dos anos 50, mas combinada a uma visão de que não há uma cultura brasileira, essa onipresente no debate desde o início de um Brasil brasileiro), e o lugar social especial ocupado pelo intelectual, que vai resultar num certo tipo de discussão no Brasil a partir dos anos 80, e mantendo-se hoje, sobre a relação entre cultura e televisão. Se havia sentido em criticar os desmandos do governo militar e revelar suas manipulações ocultas sob a censura, essa postura denunciata se mantém mais tarde, perdendo, no entanto, a legitimidade social de que desfrutava.

² Sobre a relação entre ciência e senso comum, ver Bourdieu (1980), Geertz (1983) e Tambiah (1991).

³ Quem formulou a noção de circularidade da cultura foi Bakhtin (1987) e Ginsburg (1987) a reforçou.

⁴ Refiro-me aos debates que em geral tomam como marcos da discussão cultural os escritos de Nina Rodrigues e outros precursores das Ciências Sociais no século XIX, a Semana de Arte Moderna de 1922, os escritos de Gilberto Freyre em 1930, os debates sobre nacionalismo a partir da década de 50; bem como os debates dos intelectuais do ISEB, CPC da UNE e também do CEBRAP que se prolongou dos anos 60 aos anos 70 e permaneceu como referência nos anos 80. Ver análise detalhada das concepções expressas em cada um desses períodos no capítulo 6 de Magalhães (2004).

A discussão nos anos 80 vai se fazer em reação à concepção de cultura alienada das décadas anteriores. Mas no meu entender, ela vai se descolar dos rumos que vinha tomando. No debate intelectual, não se fará mais uma discussão que relacione cultura e nacional, ou dominantes dominados, em termos de classes sociais, alienação ou conscientização; *cultura* no debate intelectual será considerada *plural*. Além disso, a discussão sobre identidade nacional não se fará predominantemente no mundo acadêmico, como os autores que trabalhavam com a temática visualizavam, ela se tornará pública.

É também nesse período que as observações dos antropólogos que discutem a problemática da identidade nacional incluem cada vez mais referências à indústria cultural, à influência dos meios de comunicação de massa, e à necessidade de estudos que os contemplem :

“...existem várias outras instâncias em que caberia aprofundar as hipóteses aqui formuladas. Somente para fornecer alguns exemplos, seria interessante examinar a dinâmica da gíria e do palavrão, as temáticas da literatura de cordel, o fenômeno dos circos-teatro e principalmente, a televisão, para verificar como se dá o processo de apropriação e reelaboração nestes níveis.” (Oliven, 1986, pág. 72)

“...No momento presente, porém, o problema se coloca de outra forma, dada a amplitude dos veículos de comunicação de massa, que não apenas se dirigem a todas camadas sociais através da rádio e da TV, como também tendem a apagar tanto especificidades regionais, quanto as separações entre urbano e rural, numa espécie de estandardização difusa; não se trata mais de averiguar possibilidades de assimilação, mas sim de que maneira se difundem e são percebidas as mesmas mensagens, através de uma estrutura sócio-econômica complexa. É a partir daí que poderá se visualizar hoje o que será culturalmente comum entre as diversas camadas, e como elas realmente se separam.” (Pereira de Queiroz, 1980, pág. 68).

Significativamente, é nos anos 1980 que surgem os estudos de recepção da mensagem (da literatura, dos meios de comunicação de massa, das obras artísticas, etc.)⁵, os quais, no entanto, não conseguem adentrar o mar de idéias sobre *autenticidade nacional, cultura alienada, civilização*, que circulam por toda nossa vida social: estão no cinema e nos debates sobre ele, nos livros, nas escolas e nas ruas, nas praças e botequins. Os estudos de recepção permanecem como que ilhados, por serem considerados fora do campo das relações de poder (mesmo que as levem em conta) e por serem considerados estudos não suficientemente críticos e até elogiosos dos meios de comunicação de massa⁶.

A discussão sobre cultura em termos instrumentais, como meio de ação, permaneceu sendo a tônica dos estudos e debates (científicos e coloquiais) sobre os meios de comunicação de massa. Uma parte dos cientistas sociais continuou a aplicar essa concepção de cultura no debate sobre os meios⁷, enquanto outra parte dedicou-se a estudar cultura de modo mais amplo, distanciando-se desse campo de estudos (ou considerando-o menor, ou tratando-a como “discussão de mercado”, na ótica da indústria cultural se reproduzindo, e sobre a qual parece não haver muito a fazer além de denunciar).

De todo modo, o campo de discussões sobre os meios de comunicação de massas parecia permanecer dividido: por um lado, as discussões sobre cultura levando em consideração as relações de poder e supondo que os estudos de recepção não o faziam; por outro lado, as análises sobre cultura em geral, de modo mais amplo e abstrato do que a presença da indústria cultural, ignorando-a ou colocando-a dentro dessa concepção de cultura mais abstrata. Por um lado então, a divisão era entre os que estudavam a indústria cultural em termos de dominação e os que tentavam demonstrar que essa dominação não se fazia de modo tão avassalador, mas não conseguia se posicionar claramente na crítica aos meios; e por outro lado estudiosos da cultura que ignoravam (ou desejavam ignorar) a influência dos meios na discussão sobre o cultural.

⁵ Um dos estudos de recepção que pode ser considerado pioneiro no campo antropológico é o de Ondina Leal, *A Leitura Social da Novela das Oito*, realizado em 1982 e publicado em 1986. Sobre uma certa retrospectiva do quadro em que surgiram os estudos de recepção, ver capítulo 5 da tese citada.

⁶ Ver referências aos estudos de recepção, em Magalhães (2004).

⁷ Refiro-me àqueles cientistas sociais que, munidos de um conceito de cultura mais instrumental, posteriormente apoiaram-se nos frankfurtianos e resolveram seus dilemas quanto à cultura e relações de poder, passando (ou retomando), no entanto, uma divisão entre “alta” e “baixa cultura”. Neste trabalho, estou tentando dialogar com o campo crítico aos frankfurtianos (que não podem, por sua vez, ser tomados em bloco, mas esta já é outra discussão)

Podemos dizer que paralelamente à teoria da recepção de 1980 estavam circulando outras idéias no Brasil sobre cultura, meios de comunicação de massa, que opunham cultura de massa e cultura erudita, papel dos intelectuais, e as concepções de “idéias fora do lugar” pareciam combinar-se com a de uma “TV fora do lugar”⁸.

Neste período também estão em questionamento várias linhas teóricas: as críticas à *importação de idéias* (afinal, como escrever teorias isoladas, já que os próprios críticos da importação têm raízes teóricas internacionais nas suas concepções?); a idéia de *autenticidade* – que supõe um “ponto zero”, uma origem intocada para toda e qualquer cultura, quando sabemos (melhor seria dizer supomos) hoje que não existe cultura humana isolada, totalmente isenta de outros traços culturais “estranhos”; a idéia de que *cada classe social possuía sua própria cultura* – que foi criticada por levar a supor uma excessiva especificidade própria a cada classe social⁹; chegando finalmente à idéia de *cultura como plural*, dinâmica; surgiram novas identidades, hoje consideradas efêmeras, fluidas e fragmentadas, e a discussão foi se distanciando da questão de classe social.

Nos anos 90, uma certa “liberalização” de idéias parece arejar os primeiros anos de construção da democracia brasileira. Mas as produções e mensagens dos meios de comunicação de massa continuam a ser vistos como “fora do lugar” no Brasil, e também expressando um Brasil no qual as pessoas pesquisadas (e, suponho, muitos intelectuais) não se reconhecem. Enquanto a discussão ia por esses caminhos, os meios de comunicação de massas não só se desenvolveram e ganharam cada vez mais espaço no nosso cotidiano (e proliferaram as metáforas, como cultura do espetáculo¹⁰, sedução¹¹, virtualidade¹², e outras), como os produtores de suas programações, resenhas, artigos, etc., continuaram a atribuir para si a missão de pautar o debate sobre identidade nacional, cultura autêntica e/ou

⁸ É deste período o livro de Schwarz, que se tornou uma referência e foi exaustivamente debatido.

⁹ Os estudos que proliferaram sobre classes populares pareciam, ao fazer o elogio dessas culturas e procurar valorizar seus traços, apresentá-las como idênticas a si mesmas, sem relações com outros grupos e outras culturas, ignorar a dinâmica das relações e a circularidade, repondo em outros níveis a idéia de cultura residual, porque não semelhante a nenhuma outra.

¹⁰ Cf. Subirats, *A cultura como espetáculo*. São Paulo, Nobel, 1999.

¹¹ Cf. Baudrillard, *Da sedução*. São Paulo, Campinas: Papyrus, 1992.

¹² Cf. Virílio, Paul, *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: ED. 34, 1993. Na primeira parte, em “A cidade superexposta”, emerge a cidade como um espaço virtual, sem portas ou fronteiras, como que dissolvida num caos de indefinição. No impacto das imagens, dos fluxos informativos em que já não existe o cidadão, num espaço que “insistimos em chamar de urbanismo”, a cidade de Virílio desaparece na heterogeneidade, no que ele chama de “espaço - tempo” tecnológico.

inautêntica. Como apontam alguns autores¹³, muitos intelectuais extremamente críticos do período de ditadura, foram depois trabalhar no cinema, no teatro, na televisão, nos jornais. Hoje uma pesquisa poderia percorrer algumas trajetórias desses intelectuais e verificar até que ponto se tornaram, de dentro dos meios de comunicação de massa - do programa de rádio, do artigo no jornal ou revista em que escrevem - grandes críticos da televisão.

Os meios de comunicação de massa têm, ainda hoje, a pretensão de apreender a “cultura brasileira” e expressá-la em sua programação, talvez por isso a idéia de inautenticidade¹⁴ se mantenha, pois não são considerados legítimos para fazer essa construção e nem suas construções são vistas como legítimas. As críticas a essa pretensão e a visão negativa sobre televisão parece ser uma das poucas unanimidades contemporâneas, compartilhada tanto por produtores da mensagem televisiva, como por receptores e por intelectuais, de dentro e de fora do campo da comunicação.

Consideramos as idéias fora do lugar no Brasil em vários períodos de nossa história; oscilamos também quanto à valorização de uma especificidade não só do cultural, mas do nacional. Se nos anos 1922 e 30 houve tentativas de valorização de uma cultura própria daqui, em todos os outros períodos de nossa história, inclusive desde os anos 60 parece que, apesar das tentativas de construção ou de valorização do *nacional*, permaneceu a definição do cultural (que foi visto como instrumento para lhe dar suporte) pela “falta” ou pelo atraso. Parece que na discussão sobre a democratização dos meios de comunicação de massa essa oscilação valorativa entre a positividade e negatividade se expressa novamente, hoje exacerbada. O desenvolvimento das comunicações, as invenções constantes nessa área, as novas tecnologias, a popularização do consumo de aparelhos de televisão¹⁵, aliada a uma concepção de Brasil mergulhado no “atraso cultural”, tornam dramática a discussão, que produz em nosso imaginário uma inversão simbólica.

Quando acontece esta inversão? Ao criticar a televisão e revelar uma preocupação com seu poder negativo sobre imensas camadas da população, ao invés de responsabilizar as elites pelo atraso e pelos problemas brasileiros, prefere-se responsabilizar as camadas

¹³ Refiro-me a Ortiz, 1985 e Ramos, 1995 e Sorj, 2001.

¹⁴ Maluf (1996) também desenvolve uma análise sobre a questão do “autêntico”, que acompanha a discussão sobre religião no Brasil, desde os estudos de Bastide até os de Ortiz.

¹⁵ Ver dados a respeito em Borelli e Priolli (2000).

populares, pois são consideradas “sem cultura” (isto é sem “cultura suficiente para...”¹⁶, sem enciclopédia¹⁷, sem preparo, sem conhecimento técnico adequado¹⁸). Nesse momento, nega-se a “modernidade” ao Brasil em nome de sua população atrasada, analfabeta, que precisa ser salva. Nesse momento, há concordância com os teóricos do século XIX, ainda que sem a ênfase racista que eles deram. A ênfase agora parece repousar mais na condição de classe (mesmo com toda discussão sobre novas identidades¹⁹, atravessamentos, recortes diferentes do pertencimento à classe, ela permanece como *valor*²⁰ nas práticas cotidianas). Parece que não podemos ser ainda considerados modernos enquanto não proporcionarmos o acesso à população de excluídos, da “cultura que eles precisam ter”... Uma TV moderna demais para uma população nada moderna, torna-se perversa nesse contexto.

Ou então quando as camadas populares são consideradas como possuidoras de uma cultura autêntica, a “verdadeira cultura”, em contraposição à cultura de massas, paralela à indústria cultural, negamos a modernidade desta vez pela ilegitimidade da construção da mensagem televisiva, expressa de várias maneiras.

A mensagem televisiva sobre o Brasil é negativa: o Brasil da TV é um Brasil da telenovela, da violência, do carnaval, do futebol, da corrupção política, da devastação ambiental, da aventura dos transgênicos, um Brasil que não pode ser levado a sério e não se sabe se tem jeito. A mensagem televisiva não é considerada cultura porque seus programas populares são vulgares, indignos de serem vistos... porque constrói um “conhecimento ilegítimo”, falso; o verdadeiro saber está noutro lugar.

Há uma falta de *cultura brasileira*, então, no debate atual sobre os meios de comunicação de massa. A discussão tem ecos, como percebemos, em toda discussão sobre cultura no Brasil e sobre brasilidade. Minha proposta com este trabalho é voltar a reflexão crítica sobre meios de comunicação para a sociedade brasileira e perguntar: que idéia de sociedade brasileira está por trás dessa crítica? Parece que com todas as mudanças e

¹⁶ Como expressam os depoimentos dos entrevistados, especialmente nos capítulos 3 e 4 da tese citada.

¹⁷ Termo utilizado por Umberto Eco para referir-se ao leitor que consegue ler e interpretar um autor numa perspectiva semelhante àquela que motivou a escrita.

¹⁸ É o que parece motivar os debates atuais no campo da comunicação comunitária: preparar o receptor tecnicamente, para que ele domine o código, e com isso possa não só criticar melhor os meios, como ser também um produtor.

¹⁹ Para uma análise da fragmentação e pluralidade das identidades, ver Stuart Hall – *A identidade cultural na pós-modernidade*, 1998.

²⁰ Estou parafraseando DaMatta, que se refere à permanência do *valor* “família” em nosso universo simbólico, mas referindo-me a “classe social”.

complexidades, o Brasil continua sendo visto como atrasado, dividido entre letrados e iletrados, com uma televisão moderna demais para uma população nada moderna, e atormentado com a idéia de inautenticidade e falta de seriedade para definir-se, precisando da visão intelectual para chegar a uma tradução correta.

A sensação predominante que fica do debate analisado é de que não há uma *cultura brasileira* que sirva de base a uma *identidade nacional* ou a uma *identidade cultural brasileira* valorizada positivamente. Nos anos 80, quando o pensamento intelectual brasileiro estava debatendo intensamente várias outras questões, o debate sobre *identidade nacional*, *identidade cultural brasileira*, *cultura brasileira* e *brasilidade* continuou acontecendo em outros lugares. Os meios de comunicação de massa consolidam definitivamente sua hegemonia nesse período e se desenvolvem ainda mais, desembocando nos anos 1990 soberanos, a ponto de serem considerados os criadores da globalização, que se tornou o centro das discussões²¹. O debate sobre identidade nacional continua intenso, ele está acontecendo entre os produtores das mensagens e seus leitores-receptores críticos, e está acontecendo nas mesmas bases do debate intelectual ao longo de nossa história, e nas mesmas bases em que os entrevistados durante a pesquisa formularam sua análise.

Um exemplo, talvez paradigmático, do que estou tentando dizer aqui, foi um texto de autor desconhecido, que circulou na Internet em 2002, como se fosse de autoria de Arnaldo Jabor. Nele, o autor protestava e demonstrava toda sua indignação com a televisão e com o programa Big Brother, de estilo reality show. Neste programa, pode-se visualizar quase tudo que um grupo de pessoas faz confinado em uma casa cheia de câmeras. Vão acontecendo eliminações semanais de participantes, com a participação do público, que vota por telefone ou pela internet. O objetivo final dos participantes, além de tornarem-se conhecidos do público, é ganhar um prêmio de quinhentos mil reais²². Pois bem, o autor protestava por ter sido escolhido como vencedor pelo público um rapaz apelidado “Bam – bam”. No texto, ele trata essa escolha como se fosse a vitória de um Brasil analfabeto, mais músculos que cérebro, sem cultura alguma; e a trata também como se fosse feita por uma

²¹ Minha discordância a respeito da possibilidade da “mídia criar a globalização” diz respeito à separação entre “valores” e “técnicas”: sabemos que as modernidades tecnológicas invadem o cotidiano e são rapidamente incorporadas às práticas, mas sabemos também da lentidão com que as novas idéias são aceitas, ou seja, a mudança de valores se dá em outra dinâmica, diferente das mudanças tecnológicas. Alguns autores têm proposto o termo “mundialização” para propiciar este debate. Ver, por exemplo, Ortiz (1994), ainda que sua concepção de cultura me pareça precisar ser rediscutida.

²² Valor que equivale a aproximadamente 170 mil dólares em 2004.

população ignorante, ou nada séria, que não se importa com o “verdadeiro Brasil”. Bam-bam seria para ele um “péssimo exemplo” de brasileiro, já que falava um linguajar cheio de gírias e empregava mal a língua portuguesa, trabalhava fazendo “bicos”, em geral em feiras e praias, além de exercitar diariamente seus músculos. Portanto, não deveria ter sido escolhido, porque não era um “modelo nacional” adequado de brasileiro.

Se Bam-bam pode ser considerado nosso Macunaíma moderno, ou se tem traços do homem cordial de S. B. de Holanda, ou se a sua escolha se fez mais com base no afeto que na racionalidade, mais pensando na *pessoa a premiar* que na *identidade do Brasil* (já que era isso que estava sendo votado) uma análise menos apressada do que a do nosso autor desconhecido poderia clarear. Além disso, o acesso às novas tecnologias também se faz de modo muito desigual no Brasil, portanto não se pode falar em “população brasileira” escolhendo: vota quem tem telefone ou acesso à internet.

E mais, se os protestos e críticas que gera esse tipo de programação invade e ocupa nossa vida pública²³, então retornamos plenamente ao clima do debate que nos soa tão familiar desde sempre. O que este autor desconhecido está fazendo, via internet, é recolocar o debate sobre identidade nacional, e ele está tomando *um* exemplo, de *um* programa da televisão, *uma* escolha do público votante, como representando *toda* nossa *identidade social e cultural*, nossa *brasilidade*, vista como essencialmente negativa.

Parece que outro motivo da crítica negativa à televisão permanecer é a vontade de continuar discutindo sempre “quem somos nós?”. É a identidade nacional e cultural que está sendo discutida através dessa crítica, agora mais atual do que nunca, e de novo com base nos mesmos valores²⁴. Essa crítica ao Brasil é realizada em muitos outros contextos de nossa vida social, e é bem mais geral em nossa sociedade. Refletir sobre ela pode contribuir para que a crítica à televisão se dê em outras bases.

Alguns estudiosos, trabalhando numa perspectiva crítica à sociedade contemporânea, ao processo de “coisificação” do sujeito diante de uma sociedade na qual a imagem é cada vez

²³ Esther Hamburger analisa o debate que se instala entre parlamentares, jornalistas, em discursos na Câmara e no Senado, em artigos de jornais como Folha de São Paulo, Zero Hora, Jornal da Tarde, etc, a respeito de um personagem da novela das oito “O Rei do Gado”. Mostra, portanto, que a novela assume lugares inusitados na nossa vida pública, sendo tratada como “assunto sério”, e frequentemente diluindo as fronteiras entre real e ficção.

²⁴ E os pesquisados, que se sentem mais ou menos nacionais, como tentei demonstrar (Ver Magalhães, 2004), compartilham esta visão, não por influência dos intelectuais (até pode ser, mas não só), mas porque faz parte de suas identidades este questionamento.

mais central, acabam repondo essa coisificação sobre este mesmo sujeito: querendo incluir as relações de poder nas discussões sobre comunicação e imagem, supõem que, ao atribuir enorme poder aos produtores de mensagens e imagens (e às imagens em si), estão revelando uma estrutura perversa de poder. Na verdade, me parece que estão “retirando” (ao menos teoricamente) o poder dos sujeitos concretos fazerem suas leituras, abstrações, especulações imaginativas.

Note-se que não estou propondo aqui que as análises sobre televisão de dentro ou de fora do campo antropológico se dêem com base em um consenso. A pluralidade e oposição de idéias é fundamental e intrínseca ao processo de construção do conhecimento e ao processo de comunicação humano. O que estou sugerindo é que em várias outras áreas, e também na antropologia; em várias outras perspectivas teóricas (e em especial num contexto brasileiro permeado de concepções sobre falta de cultura), há uma necessidade de rediscutir certos pressupostos teóricos que estão servindo de base a críticas que poderiam ser consideradas pertinentes, mas que podem estar contribuindo indiretamente para gerar novos estereótipos e reificações. Eu estaria aqui propondo então, a necessidade de repensar um certo consenso que parece permanecer em torno de um “poder da mídia” no Brasil, de modo a perceber que está sendo criado no interior dessa discussão um outro tipo de exclusão, desta vez cultural²⁵, pelos mesmos sujeitos que muitas vezes desejam combater exclusões sociais.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1987.

BAUDRILLARD, J. *Da Sedução*. Campinas, SP: Papirus, 1992.

BORELLI, Silvia e **PRIOLLI**, Gabriel – *A Deusa Ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*. São Paulo, Summus, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980

²⁵ Esta *exclusão cultural* já foi apontada por Martín-Barbero (1995), quando se refere a uma crítica aos meios que é elaborada num campo da esquerda na América Latina.

- GEERTZ**, C. *Local Knowledge*. Basic Books, 1983.
- GINSBURG**, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- HALL**, Stuart – *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HALL**, Stuart (org.) *Culture, media, language*. London: Hutchinson, 1980.
- LEAL**, Ondina Fachel. *A Leitura Social da Novela das Oito*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- MAGALHÃES**, Nara. *Televisão, uma vilã na sociedade contemporânea – um estudo sobre modos de ver (a) TV de pessoas pertencentes a camadas médias*. Tese de Doutorado. PPGAS/UFSC, abril de 2004.
- MAGALHÃES**, Nara. *O Povo Sabe Votar – uma visão antropológica*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MALUF**, Sônia. *Les enfants du verseau au pays des terreiros – les cultures thérapeutiques et spirituelles alternatives au sud du Brésil*. École de Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1996.
- MARTIN-BARBERO**, Jesús. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.
- MARTIN-BARBERO**, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, M. W. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- OLIVEN**, Ruben. As metamorfoses da cultura brasileira. In: *Violência e Cultura no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986, pp. 61-73.
- _____, _____. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional (O Eterno Retorno)*. In: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira 1970 – 2002*. São Paulo: ANPOCS: Ed. Sumaré; Brasília, DF: CAPES, 2002.
- ORTIZ**, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____, _____. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PEREIRA DE QUEIROZ**, Maria Izaura. Cientistas Sociais e o autoconhecimento da cultura brasileira através do tempo. In: Cadernos CERU, No. 13, 1980.
- RAMOS**, José Mario Ortiz – *Televisão, publicidade e cultura de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SCHWARZ**, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas: Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SORJ, Bernardo – *A Construção Intelectual do Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SUBIRATS, Eduardo. *A Cultura como espetáculo*. São Paulo: Nobel, 1989.

TAMBIAH, S. J. *Magic, Science, religion and the scope of rationality*. Cambridge: University Press, 1990.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro, ED 34, 1993.